
PRINCESAS EM DISCURSO. AS BONECAS PERSONAGENS DA DISNEY NA VISÃO DAS CRIANÇAS

Michelle Brugnera Cruz Cechin¹

Thaise da Silva²

Resumo

Este estudo descreve uma pesquisa qualitativa realizada em uma escola da rede pública de ensino de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, tendo como foco os discursos de crianças sobre as bonecas princesas da Disney. O objetivo é compreender como esse grupo de crianças abordou a identidade de gênero e as diferenças culturais representadas por essas personagens. As princesas apresentam um modelo de identidade e comportamento de gênero a ser seguido pelas crianças em filmes, jogos, livros e bonecas. Quando as crianças brincaram com essas bonecas, confirmaram, desafiaram e transformaram a pedagogia de gênero ensinada por essas personagens, que assumiram papéis de liderança nas brincadeiras entre pares na sala de aula. A oportunidade de brincar e refletir sobre esses brinquedos permitiu novas possibilidades de pensar modos distintos de subjetivação.

Palavras-chave: Infância; Brincar; Relações de Gênero; Análise do Discurso; Cultura de Pares

¹ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica (FAPA). Graduada em Pedagogia (FAPA). Possui experiência como professora na educação infantil. Foi brinquedista no Programa de Extensão Universitária “Quem quer Brincar?” (UFRGS). Professora de anos iniciais da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Endereço para correspondência: Avenida Polônia, 1055/202. Bairro São Geraldo. Porto Alegre (RS). CEP: 90230-110. Endereço Eletrônico: mibugnera@gmail.com.

² Doutoranda em Educação (UFRGS). Mestre em Educação (UFRGS). Especialista em Alfabetização (FAPA). Professora do curso de pós-graduação no Instituto Educacional do Rio Grande do Sul (IERGS) e da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Endereço Eletrônico: thaiseds@ibest.com.br

1 INTRODUÇÃO: PRINCESAS E SUBJETIVAÇÃO INFANTIL

O presente trabalho problematiza os modos como as imagens femininas são produzidas pelas grandes corporações de brinquedos, focalizando as bonecas princesas da Disney. Discute-se o modo como essas imagens estereotipadas produzem subjetividades infantis, analisando os discursos, as narrativas e as visões de um grupo de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede pública de ensino sobre essas bonecas.

A franquia das princesas da Disney tem produzido um grande volume de produtos para as crianças em âmbito global. A marca *Disney Princess* tem sido “a mais bem-sucedida franquia de brinquedos da Disney” (DISNEY CONSUMES PRODUCTS, 2007) e reúne dez heroínas dos filmes de animação: Branca de Neve, do filme Branca de Neve e os Sete anões, Jasmine, de Aladim, Bela, de a Bela e a Fera, Pocahontas, Mulan, Cinderela e Ariel, de A Pequena Sereia, Aurora, de A Bela Adormecida, Tiana, de a Princesa e o Sapo, e Rapunzel, de Enrolados.

A linha de produtos licenciados da marca com as personagens do filme, voltada para jovens meninas, inclui filmes de animação, DVDs, brinquedos, CDs de música, livros, sites, jogos, roupas, material escolar, maquiagem e produtos de higiene (WOHLWEND, 2008). Tais artefatos apresentam às meninas um modelo de identidade feminina, ensinando modos de se vestir e de se comportar, mostrando esse modelo que é esperado do gênero feminino, convidando-as a se identificarem com as personagens.

Tendo em vista que a cultura é uma construção social e psíquica dos sujeitos, a educação não está restrita às escolas, às universidades, à igreja ou à família, mas a todas as formas de propagação da cultura (GIROUX, 2004). A escolha pelas princesas como objeto de análise junto às crianças deve-se ao fato de serem personagens elaboradas para filmes de animação de uma grande corporação. A criação dessas personagens está estritamente ligada a uma representação do ideal de feminilidade da cultura contemporânea: brancas, ocidentais, heterossexuais, ostentando os ideais da nobreza e da burguesia (GOMES, 2000; GIROUX, 2004; HURLEY, 2005; LACROIX, 2004; MALFROID, 2009; ROZARIO, 2004; SILVERMAN, 2009; MATYAS, 2010; WOHLWEND, 2008).

Nos limites deste texto, abordam-se brincadeiras com essas bonecas, entendidas como um importante artefato cultural. Pretende-se discutir quais representações são veiculadas nas brincadeiras com essas bonecas, que efeitos de verdade produzem e como essas

representações têm afetado a construção das identidades infantis, especialmente em relação aos conceitos de etnia. Esses regimes de verdade produzem efeitos nos modos de brincar das crianças e nas suas discursividades. Descreve-se e analisa-se momentos de brincadeiras em que a problematização dessas bonecas foi o centro das discussões e discursos das crianças. Investiga-se as representações por trás de tais discursos. A fundamentação teórica é tecida nos Estudos Culturais por se tratar de uma pesquisa que busca entender como os discursos e representações sobre as identidades infantis são constituídos culturalmente e qual a forma com que são representadas nos brinquedos, em especial as bonecas personagens da Disney, formando determinadas subjetividades infantis.

Fundamenta-se também na obra do filósofo francês Michel Foucault e de suas produções acerca dos conceitos de subjetivação, saber e relações de poder, articulados ao conceito de “dispositivo” (FOUCAULT, 1993, 1996, 1998, 1999), e busca-se discutir de que maneira um dispositivo pedagógico das bonecas é organizado midiaticamente de forma a produzir modos de subjetivação infantil. Mais especificamente, o objetivo é analisar de que maneira o dispositivo pedagógico das princesas se ocupa da produção discursiva de feminilidade. Pretende-se, prioritariamente, descrever como se movimentam a produção de subjetividades e os desvios feitos pelas crianças através das brincadeiras com essas bonecas. Ou seja, interessa mostrar como sujeitos transformam-se através das brincadeiras. Para tanto, tem como marco teórico a abordagem pós-estruturalista de análise.

Pretende-se problematizar o conceito de “dispositivo pedagógico das bonecas”, concebidas e pensadas com base nos conceitos de “dispositivo de sexualidade” e de “modos de subjetivação” de Michel Foucault (1998; 1999). Com fundamentação em tal referencial, mostra-se de que modo opera a mídia dos brinquedos na constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, na medida em que produz imagens, significações e saberes que se dirigem à “educação” dos infantis, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.

Propõe-se na análise discursiva do objeto boneca os enunciados de certos regimes de verdade, produzidos, veiculados e recebidos de formas muito específicas, que falam de determinados modos de existência, de modos de enunciação, de práticas de linguagem, de celebração de certas verdades tornadas hegemônicas. Ensina Foucault (2010) que o grande exercício do pensamento é aceitar pensar de uma forma distinta daquela a que estamos

acostumados. Os encontros com as bonecas diferentes transitam por esses tortuosos caminhos de sujeitos que sempre estão por se fazer.

2 O DISPOSITIVO PEDAGÓGICO DAS PRINCESAS

O brinquedo participa da construção da infância por meio de complexos significados e práticas produzidas não apenas por seus criadores e difusores, mas também por aqueles que o utilizam. É possível entender o lugar da criança na sociedade através dos usos e significados atribuídos aos brinquedos. Por serem portadores de significados e valores culturais que revelam os discursos, concepções e representações da sociedade, revelam os conceitos de infância construídos historicamente pela cultura ocidental (BROUGÈRE, 2004). A cada momento histórico, forjam-se subjetividades próprias, pertencentes à cultura hegemônica consolidada.

Tendo em vista que as identidades infantis e suas representações são produzidas pelos discursos que se enunciam sobre ela, as representações sociais da infância são moldadas na e pela linguagem. A “virada linguística” concebe a linguagem como constituidora, em outras palavras, a linguagem forma sistematicamente os objetos sobre os quais narram. A cada época histórica forjam-se modelos hegemônicos, e certas narrativas são tidas como verdadeiras. As narrativas agora passam a ser vistas como formadoras do sujeito e, de acordo com Larrosa (1996), elas produzem as identidades, partindo-se da ideia de que somos o que contamos e o que nos contam, sob a influência dos lugares, tempo e vozes que narram, fazendo com que a narrativa se torne responsável pela formulação dos processos identitários. Com a virada linguística, a verdade única deixa de existir, sendo substituída por verdades constituídas. Estas, a partir de então, são consideradas crenças, tendo como alvo de análise o processo pelo qual algo se torna verdade (SILVA, 2007). Foucault (1993) explica que a linguagem e, conseqüentemente, os discursos não funcionam imunes aos controles sociais porque são atravessados pelas relações de poder.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral, de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado. (FOUCAULT, 1993, p. 12)

Na crescente profusão de imagens nas quais as crianças estão imersas, determinados modos de pensar, agir e ser são ensinados e reconhecidos como legítimos. A educação imagética está cada vez mais presente na vida cotidiana dos infantis, tornando-se um âmbito legítimo da educação das subjetividades, pois a formação da identidade perpassa diversos dispositivos e personalidades culturais. As representações culturais envolvidas nas imagens pictóricas estão apenas relacionadas a uma personalidade reconhecida conscientemente dentro da cultura e com as marcas do lugar desta identidade na cultura. Dessa forma, as subjetividades são atravessadas por modelos identitários difundidos pelas imagens estampadas em filmes, brinquedos, roupas, revistas, etc.

Alguns personagens veiculados pela mídia são divulgados como autoridades na autorregulação dos indivíduos. Nos discursos vinculados às princesas, os modos de ser menina são apreendidos como objeto passível de regulação e intervenção e governamento. As narrativas dessas donzelas as tornaram *experts* da feminilidade, modelos de corpo, de conduta, de beleza, de estilo e de um modo de empreender cuidado sobre si. Pode-se dizer que as bonecas dessas personagens são objetos com identidade cultural, pois seu sucesso pode ser atribuído também às narrativas tramadas sobre elas em diferentes mídias, que construíram e renovaram suas diversas identidades, adequando-as à cultura de cada época.

Os filmes da Disney ensinam o que é considerado correto, o comportamento e a postura ideal. Em seu artigo *Os filmes da Disney são bons para os seus filhos?*, Giroux (2004) problematiza o conteúdo de alguns filmes de animação, questionando as representações de raça e gênero mostradas nesses produtos, que colaboram para manter a visão dominante e tradicional das diferenças étnicas, de classe e de gênero.

Esses filmes estão imersos em uma “pedagogia cultural” e estão revestidos de autoridade e legitimidade para ensinar às crianças o que é justo e correto. Para Giroux (1995a, p. 52), essas produções “anulam questões complexas, diferenças culturais e lutas sociais”. Assim, a Disney transforma os espaços tradicionais de educação da infância, ampliando o poder da cultura por meios de práticas significantes, que utilizam a imagem para ensinar, fazendo uso dos prazeres da imagem em detrimento da análise crítica e exigências intelectuais (GIROUX, 1995a, 1995b, 2004). As animações da Disney se especializaram em divulgar alguns valores culturais como o amor romântico, a juventude, a heterossexualidade, a pele branca e a cultura ocidental (WOHLWEND, 2008).

A primeira princesa a ser lançada foi Branca de Neve, em 1949. Gabler (2009) afirma que havia uma disputa entre os desenhistas do estúdio, encarregados de produzir a figura animada de Branca de Neve, que discordavam da imagem que a personagem deveria ter. Um dos desenhistas empregava um aspecto infantil e inocente à princesa, outro, a desenhava mais crescida e ativa. A imagem de uma menina meiga e inocente se sobressaiu e, ao longo dos anos, tem sido empregada em outras princesas (GABLER, 2009).

Da totalidade de princesas, alguns autores têm dividido-as em dois grupos. Branca de Neve, Cinderela e Aurora formam um grupo de princesas que são representadas belas, dóceis, bondosas e românticas, ligadas aos afazeres domésticos e à religiosidade. Sonham com o príncipe encantado, que as salvará dos perigos e se casará com elas, formando uma família rica e feliz para sempre.

As princesas mais recentes, Ariel, Bela, Pocahontas, Mulan, Tiana e Rapunzel, são menos passivas, não ficam mais sonhando e esperando a chegada do príncipe em um cavalo branco (GOMES, 2000). Mais ativas, elas lutam e vão atrás dos homens de seus sonhos, salvam suas vidas (A Pequena Sereia), ensinam-nos a comer decentemente (A Bela e a Fera) e a respeitar o equilíbrio da natureza (Pocahontas) e a honestidade (Enrolados). Ariel, Bela e Jasmine cantam o desejo de ir além da vida em sua família. A Pequena Sereia canta “quero mais” e enfrenta seu pai e as leis do fundo do mar para casar com o príncipe. Bela, de braços abertos em uma cena do filme, canta o desejo de uma vida maior que a da sua aldeia. Jasmine deseja casar por amor e o defende, soltando passarinhos de dentro de uma gaiola. Mulan, Tiana e Rapunzel também apresentam um dinamismo, tomam atitudes radicais, resistem aos seus opressores, fazendo com que seus pares masculinos pareçam acomodados (GOMES, 2000).

O discurso multiculturalista que cresceu na década de 90 pelas demandas globalizantes fez com que os estúdios da Disney criassem heroínas de diferentes etnias, fomentando a venda dos seus produtos. Nessa época, foram criadas Pocahontas, que representa uma americana nativa, e Jasmine, uma princesa árabe que tem suas características étnicas atenuadas para não se distanciar do padrão de beleza hegemônico (GOMES, 2000; GIROUX, 2004; HURLEY, 2005; LACROIX, 2004; MALFROID, 2009; ROZARIO, 2004; SILVERMAN, 2009; WOHLWEND, 2008). Somente em 2009 é que foi apresentada a primeira princesa negra.

A princesa Tiana (A Princesa e o Sapo) é a primeira representação da Disney na franquia Disney Princess de uma mulher afro-americana. Tiana segue a mesma linha das

princesas contemporâneas: é determinada, independente e forte. O trabalho duro como a melhor maneira de alcançar seus objetivos é seu lema.

A princípio, parece ser um filme que retrata de forma positiva homens e mulheres afro-americanos, contudo, as representações de gênero, etnia e classe social ainda seguem os mesmos valores que os filmes anteriores. Mesmo Tiana sendo uma profissional de sucesso, independente e determinada, isto não é suficiente para a sua realização; o amor romântico e a união com a figura masculina ainda são exaltados nessa produção, como se a felicidade somente fosse possível a partir do casamento ideal. Quanto às questões de etnia e classe social, a comunidade negra é representada conformada com a hegemonia da etnia branca, que ocupa cargos e funções de poder no filme. Essa conformidade com os valores burgueses e com a supremacia da etnia branca produz efeitos nas identidades infantis, formando modos de pensar e agir. A Disney é construtora mundial de representações culturais de gênero, etnia e classe, a partir de um ponto de vista etnocêntrico, privilegiando o patriarcado e a branquitude da pele (GOMES, 2000; GIROUX, 2004; HURLEY, 2005; LACROIX, 2004; MALFROID, 2009; ROZARIO, 2004; SILVERMAN, 2009; MATYAS, 2010; WOHLWEND, 2008).

Em seu mais recente filme, *Enrolados*, protagonizado pela princesa Rapunzel, Disney lança sua própria versão da história. Assim como Branca de Neve, Rapunzel é retratada como uma menina inocente, seus longos e brilhantes cabelos loiros contrastam com a negritude dos cabelos de sua madrasta má. Novamente, a Disney perpetua a ideia de que o claro e brilhante está ligado ao bom, enquanto o escuro e negro é associado ao mau.

Rapunzel é uma princesa ativa, seu lema é lutar pela realização dos seus sonhos e sua principal virtude é transformar vilões em mocinhos, inclusive seu par romântico, um ladrão que se torna príncipe pelo inevitável casamento final. Esse padrão de valores e de características físicas e comportamentais são as formas contemporâneas de educar e governar as subjetividades dos infantis. Educar não é mais um ato restrito à família e à escola, mas aos meios de comunicação também, que fazem uso da mais recente tecnologia e dos recursos mais avançados para construir um imaginário de fantasia e sonho. Por meio dessa sedução visual, Disney governa sobre a educação dos jovens, fomentando seus valores (GOMES, 2000; GIROUX 2004; HURLEY, 2005; LACROIX, 2004; MALFROID, 2009; ROZARIO, 2004; SILVERMAN, 2009; MATYAS, 2010; WOHLWEND, 2008).

Os estudos sobre governo, na perspectiva foucaultiana, preocupam-se em analisar os procedimentos, as táticas e as estratégias usadas para exercer o controle da conduta

(FOUCAULT, 1993). Governamento “não se trata de impor uma lei aos homens, mas de dispor as coisas, isto é, utilizar mais táticas que leis, ou utilizar ao máximo as leis como táticas” (FOUCAULT, 1993, p. 284). É preciso dispor de meios e estratégias que levem a consecução de certas finalidades para bem governar. Diversos aparatos e procedimentos são dispostos para garantir a produção de certos efeitos. Assim, governamentalidade é um conjunto de procedimentos, análises, reflexões, cálculos e táticas. Ela é composta por uma conjunção de forças, arranjos técnicos e instrumentos que possibilitam a efetivação de programas de governo que têm por finalidade regular as ações individuais e coletivas (BUJES, 2002).

O traço distintivo do poder é que alguns homens possam mais ou menos integralmente determinar a conduta de outros homens – ainda que não de maneira exaustiva ou coercitiva (...) O governo dos homens pelos homens – formem eles grupos modestos ou importantes, quer se trate do poder dos homens sobre as mulheres, dos adultos sobre as crianças, de alguma classe sobre a outra, ou de uma burocracia sobre uma população - supõe uma determinada forma de racionalidade e não uma violência instrumental (...) a questão é [então]: como são racionalizadas as relações de poder? (FOUCAULT, 1996, p. 64-65).

A produção de Foucault na etapa final de sua vida volta-se para o enlace entre as dimensões ética e política que operam na constituição do sujeito. O filósofo traça uma genealogia da subjetivação, distanciando-se das metanarrativas, que veem uma natureza biológica e psicológica determinante na constituição subjetiva. Foucault aponta o caráter histórico do “dispositivo da sexualidade”, criado para a expansão do biopoder. A incitação a falar sobre sexo esteve intimamente associada a uma preocupação com o bem-estar das populações. Através desse dispositivo, o sexo tornou-se personalizado e medicalizado e deu origem a uma série de saberes específicos que se dedicaram a normatizar, estudar e controlar as condutas sexuais. Tal dispositivo exemplifica os modos de produzir verdades, o exercício do poder e a subjetivação do sujeito.

Para o controle das condutas individuais, uma série de tecnologias do eu são criadas e disseminadas através de aparatos pedagógicos e táticas de poder das pessoas com elas mesmas. Essas técnicas englobam autovigilância, autoavaliação, confissão ou autonarração, que produzem efeitos na constituição das subjetividades. As tecnologias do eu se valem de discursos, tramas de linguagem, narrativas que visam produzir um tipo específico de sujeito. Essa genealogia da subjetivação mostra os diferentes modos de relação do sujeito consigo, partindo do conhecer-se a si mesmo até o cuidado da saúde e com o corpo. O autogoverno diz

respeito aos modos de os indivíduos conduzirem a si mesmos, envolvendo alguma forma de controle e direcionamento ou modelo apresentado por diversos mecanismos políticos (FOUCAULT, 1993). Tal conceito torna possível a análise dos discursos das autoridades sociais e midiáticas que procuram operar sobre a vida dos indivíduos. Dessa forma, desloca-se o foco de análise: do poder do Estado para as múltiplas estratégias de controle da conduta presentes na cultura.

As linhas de subjetividade são responsáveis pela produção pedagógica do sujeito por si mesmo. São linhas que buscam posicionar os sujeitos não como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes que devem contribuir ativamente para produção de si (LARROSA, 1995). A relação consigo por essas linhas adquire uma certa independência do poder, pois se torna “um poder que se exerce sobre si mesmo dentro do poder que se exerce sobre os outros” (DELEUZE, 1991). A relação consigo não pertence mais à ordem objetiva e enunciável, mas uma operação do sujeito sobre si mesmo. Dessa forma, as linhas de subjetividade permitem ao sujeito a possibilidade de criação de espaços onde é possível transgredir.

As subjetividades são formadas em um processo contínuo, fluído e inventado no transcurso de complexas histórias e vivências imbuídas de sentimentos de pertença, constituídos no interior de jogos de poder. As múltiplas subjetividades apresentadas pelos artefatos culturais, entre eles os brinquedos, produzem efeitos na constituição dos infantis (DORNELLES, 2003). Os bonecos e bonecas podem parecer, a princípio, objetos inocentes destinados às crianças. Contudo, estão imersos nas relações de poder, apresentando discursos implícitos à sua materialidade do que é bom, agradável, normal e verdadeiro para a cultura hegemônica. As bonecas apresentam muito da cultura hegemônica e do padrão de beleza eurocêntrico: pele branca, cabelos claros e lisos, corpo magro e olhos claros, o que ensina a supremacia de um corpo, raça e modo de ser.

Ao eleger uma estética corporal, uma raça, um gênero ou geração como “a melhor” se naturaliza e generaliza apenas um modo de subjetivação, e tudo o que é diferente se torna negativo. Isso ocorre também com a produção de bonecas, que não devem estar fora da norma vigente. Para Dornelles (2003):

Algumas materialidades se sobrepõem a outras, produzindo certas ‘normalidades’, desse modo, é ‘natural’, no caso do uso de bonecos e bonecas, que os mesmos ao fazerem parte da sala de aula de crianças pequenas sejam da raça branca, com olhos azuis e longos cabelos loiros... Assim, tudo o que escapa ou se apresenta diferente deste ‘modelo de normalidade’, desta ‘verdade’ acerca da raça branca, é o ‘diferente’, o ‘outro’. E este é o tipo de brinquedo consumido em série para crianças

no que tange às ‘diferenças’ sejam elas raciais, de gênero, geração ou etnia. (DORNELLES, 2003, p. 4).

Tendo em vista que as bonecas são objetos de identificação e de representação da normalidade, elas retratam uma determinada época e lugar através de marcas sociais que estão imersas em relações de poder. Tais marcas revestem-se de ricos significados culturais do ideal de beleza, de corpo e de sujeito. Ao elencar determinadas características como “as melhores”, os corpos das bonecas fabricam modos de subjetivação que produzem “verdades” sobre como deve ser o corpo, o comportamento e as atitudes normais.

3 MÉTODO

Participaram da proposta 28 crianças, 16 meninos e 12 meninas, com idades entre 7 e 8 anos. Foram realizados 5 encontros semanais, de outubro a novembro de 2011. O principal objetivo da proposta foi compreender os discursos que são produzidos e tramados pelas crianças na sua relação com as bonecas princesas da Disney. Cada encontro tinha uma dinâmica diferenciada, com vistas a possibilitar reflexões a cerca das personagens. Para isso, foi feito um pequeno acervo composto por oito bonecas: Ariel, Aurora, Bela, Branca de Neve, Cinderela, Jasmine, Rapunzel e Tiana.

Utilizou-se uma abordagem qualitativa como método de pesquisa, fazendo uma bricolagem entre análise dos discursos e observações participantes. Os acontecimentos nas brincadeiras e as conversas realizadas sobre o tema foram registrados minuciosamente através de um portfólio digital, composto de gravações em vídeo, áudio e fotografias.

Os encontros com os bonecos e as bonecas tinham como principal objetivo possibilitar que as crianças falassem de suas impressões sobre as bonecas. As discursividades, os comentários, as críticas e as atitudes das crianças foram analisadas, constituindo um método de análise do discurso. Buscou-se “dar voz” às crianças, vê-las como atores sociais e com uma postura ativa frente à cultura. Pesquisou-se e ouviu-se as crianças, suas infâncias e suas relações com as bonecas. Analisou-se a dialética da cultura infantil, tecida por elas em suas relações e significações dos objetos e artefatos culturais.

O reconhecimento de que as bonecas são textos de identidade permite examinar criticamente as relações de poder, os discursos de gênero e as identidades infantis que estão vinculadas aos brinquedos. Cada prática social é incorporada em vários contextos

simultâneos: pessoal, cultural, histórico e social (WOHLWEND, 2008). Como as crianças estão imersas nas práticas sociais e delas são participantes, muitos desses valores e ensinamentos são reproduzidos em suas discursividades, em suas brincadeiras e representações. Contudo, além de reproduzir, as crianças interpretam os discursos imagéticos, a cultura na qual estão inseridas, imprimindo novas visões por meio de negociações e afiliações na cultura de pares (CORSARO, 2002; 2003; 2005; 2011; MÜLLER, 2007). O presente trabalho analisa os discursos desse grupo de estudantes sobre as bonecas personagens da Disney, buscando entender como as crianças, como atores sociais, usam a brincadeira para transformar essas personagens por meio de ações, práticas, discursos e narrativas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: TRANSFORMANDO AS PRINCESAS DA DISNEY

Nos encontros com as bonecas princesas, as crianças produziram diferentes discursos. Além de brincarem, foram convidadas a separar as bonecas em diferentes grupos, justificando suas escolhas. As crianças as separaram em dois grupos distintos, denominados por elas de “as princesas mais bonitas” e “as outras princesas”.

Os conceitos mais utilizados pelas crianças para classificar as bonecas foram os de beleza e feiura. Segundo Eco (2007), apesar de se conceber a feiura como oposto da beleza, as diversas manifestações do feio na História da Humanidade são mais ricas e imprevisíveis, pois estão atreladas às culturas. “O feio é relativo aos tempos e às culturas; o inaceitável de ontem pode ser o bem aceito de amanhã e o que é percebido como feio pode contribuir, em um contexto adequado, para a beleza do conjunto (ECO, 2007. p. 421).” O que é percebido como belo em determinada época pode se tornar o inaceitável em outra.

As princesas Rapunzel, Branca de Neve, Aurora e Ariel e foram classificadas como as “as princesas mais bonitas” (fig. 1). Entre as princesas Rapunzel, Aurora e Branca de Neve existem alguns traços típicos partilhados: nariz pequeno, pele homogênea, cintura fina, cabelos fartos, vestidos longos e a mesma pose. As crianças indicaram a cor da pele como um marcador de beleza, assim como os vestidos e olhos. O rosto da Branca de Neve é ressaltado pelas crianças porque é um pouco mais arredondado que o das demais, dando-lhe um aspecto de ser a mais jovem das princesas. O cabelo loiro também foi demarcador de beleza. Falas como “A Bela Adormecida é a mais bonita”, “Eu gostei dela porque ela tem um cabelão” e “Eu gosto desta princesa porque tem o cabelo amarelo” mostram que os cabelos loiros

representam corpos marcados pelas “verdades” difundidas nos séculos XX e XXI, ensinando sobre um corpo de mulher idealizado: branco, magro, alto, com seios fartos e longos cabelos loiros. Embora Branca de Neve e Rapunzel sejam brancas e magras, é a Princesa Aurora que exprime de forma mais acentuada a beleza feminina considerada ideal: alta, magra, loira, um corpo tipo “Barbie”. Uma das meninas do grupo diz que “a Bela Adormecida parece a Barbie, ela é bem bonita!”. A comparação entre Barbie e Aurora feita pela menina também foi feita por Gomes (2000, p. 151), que afirma:

Coincidência ou não, o lançamento do filme data do mesmo ano em que surgiu a boneca, 1959. A semelhança entre as figuras é nítida; não apenas pelo tipo de corpo, mas também pelos cabelos loiros, pelo formato do rosto e até pelo tipo de olho, o desenho dos olhos de Aurora no filme Disney se parece com o padrão impresso nos olhos da boneca. O resultado geral do desenho deste tipo de corpo diz respeito a um estereótipo de mulher que, apesar de algumas variações, é amplamente difundido na mídia das últimas décadas.

Bela também está incluída nesse grupo de princesas. As crianças salientam seus longos cabelos, o vestido e a rosa que segura. Ariel também é colocada no grupo das “princesas mais bonitas”, e sua cauda de sereia é a característica mais marcante para as crianças. Tanto meninos quanto meninas demonstram apreciar tal característica na boneca. As bonecas classificadas como as “outras princesas” foram: Cinderela, Tiana e Jasmine (fig. 2). As crianças justificaram o nome dado a esse grupo de bonecas por serem bonitas, mas não “tão bonitas como as do outro grupo”. Na Cinderela são ressaltados seu vestido azul, o cabelo loiro e a cor dos olhos. Na princesa Tiana, as crianças referem como belo o seu vestido, o colar e a maquiagem. Nessas duas princesas, o cabelo preso é uma das características sugeridas pelas crianças como ruim, por não poderem penteá-los. Já na Princesa Jasmine são destacados seus olhos, diferentes das demais bonecas, assim como o seu nariz, que possui um desenho reto, diferente das demais, que é arrebicado.

A cor da pele foi muito ressaltada pelas crianças que referiram a pele branca como um demarcador de beleza. Segundo Gomes (2000), a clareza da pele, assim como os cabelos claros, são atribuídos tradicionalmente aos personagens ditos do “bem”, arraigados na religiosidade, que remetem à luz celestial, valorizando o luminoso e as cores claras, em oposição à escuridão, ligada aos personagens “maus”. Tais representações simbólicas sobre a cor da pele revestem-se de preconceitos étnicos que são evidenciados nas princesas, em especial na Tiana e Jasmine.

				
Rapunzel Disney, Mattel, 2009	Aurora Disney, Mattel, 1999	Branca de Neve Disney, Mattel, 2006	Bela Disney, Mattel, 1999	Ariel Disney, Mattel, 2007
<p>Eu adoro a Rapunzel. O cabelo dela é bem bonito. (Menina, 7 anos.)</p> <p>Ela é bonita porque tem esse cabelão e a coroa. (Menina, 7 anos.)</p> <p>Eu gosto do cabelo. (Menino, 7 anos.)</p> <p>Ela tem o cabelo loiro e bem comprido. A mão dela está viradinha. (Menina, 8 anos.)</p>	<p>A Bela Adormecida é bonita. O vestido é rosa e o cabelo é legal (Menina, 7 anos.)</p> <p>Ela é tri bonita. Parece a Barbie. (Menina, 8 anos.)</p> <p>Eu achei ela bonita. (Menino, 8 anos.)</p>	<p>É bem bonita. Tem a pele branquinha. (Menino, 7 anos.)</p> <p>Ela é legal e querida. Tem o olho bem grande. (Menina, 7 anos.)</p> <p>Eu acho ela legal, ela mora com os anões. (Menino, 7 anos.)</p>	<p>A Bela é bonita, ela tem uma coroa e essa flor. (Menina, 8 anos.)</p> <p>O cabelo dela e o vestido são legais. (Menino, 8 anos.)</p> <p>Ela tem o cabelo comprido, é bonita. (Menina, 7 anos.)</p>	<p>A sereia é legal, eu gosto das sereias. (Menino, 7 anos.)</p> <p>Ela é linda. É uma sereia. (Menina, 7 anos.)</p> <p>Ela vira princesa depois. Usa um vestido rosa. (Menina, 7 anos.)</p> <p>Eu gosto dela, ela é sereia. (Menina, 8 anos.)</p>

Figura 1 – Discursos das crianças referentes às bonecas classificadas como “princesas mais bonitas”.

Nos momentos de brincadeiras, observou-se que as meninas disputaram as bonecas Aurora e Rapunzel. As princesas Tiana e Branca de Neve também estavam presentes nas brincadeiras e encenações, que giravam em torno de afazeres domésticos, maternidade e casamento.

Inicialmente os meninos não brincavam com as princesas, muitos deles ficavam observando as encenações das meninas. As bonecas eram admiradas por eles; porém, mesmo demonstrando vontade, não brincavam com elas. Tal comportamento poderia estar perpassado pelas expectativas dos adultos para que desenvolvam características de uma “masculinidade normal”, já que culturalmente existe um discurso de que “menino não brinca de boneca”, apesar de observarmos que isso não ocorre, já que frequentemente meninos compartilham brincadeiras de bonecas com as irmãs, primas e colegas da escola (STEINBERG, 2010; BROUGÈRE, 2004). Com o tempo, passaram a brincar com as princesas e solicitavam escovas e acessórios para arrumá-las.

Possibilitar esses encontros com essas bonecas e ouvir a discursividade das crianças fez com que as crianças pudessem refletir sobre a diversidade e que pudessem representar as

diferenças em suas brincadeiras. No final do projeto, as brincadeiras estavam bem transformadas. Os temas das brincadeiras mudaram, saindo das encenações do tema princesas. A Branca de Neve passou a ser professora, Cinderela foi avó da Rapunzel e Ariel sua colega de escola. Jasmine tinha muitas filhas e Tiana cuidava de doentes em um hospital.

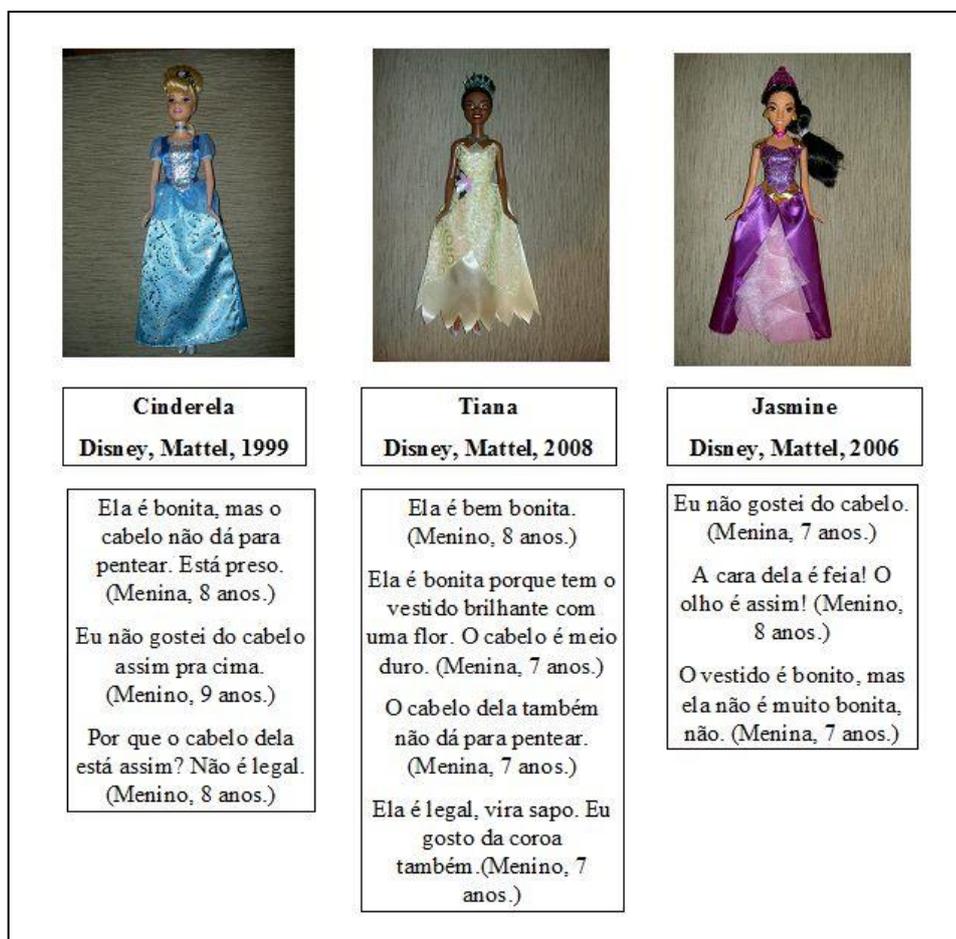


Figura 2 – Discursos das crianças referentes às bonecas classificadas como “outras princesas”.

Ao terem a oportunidade de brincar com essas bonecas, as crianças transformaram o modelo de feminilidade que as princesas apresentam. A produção de um novo modo de brincar, de ver as bonecas e de recriar a cultura possibilita a resistência às subjetividades impostas. Esse modo artístico de se constituir, resistindo aos modelos subjetivantes vigentes na cultura, foi amplamente desenvolvido por Michel Foucault (2010) na obra *A Hermenêutica do Sujeito*, em que o autor concentra-se nas questões éticas e estéticas da produção de si mesmo. Foucault busca nos filósofos da antiguidade clássica e romana (como Marco Aurélio, Epicteto, Epicuro e Plutarco, entre outros) os modos de subjetivação, que apontavam para

práticas de si e práticas da verdade nas quais estariam mais evidentes formas de liberdade do sujeito, diretamente relacionados à sua formação ético-estética.

Nos diferentes tempos históricos, os processos de subjetivação foram ensinados através de uma ampla diversidade de modos de existência. No entanto, há neles múltiplas possibilidades éticas e estéticas não pensadas pelos saberes do poder em jogo, constituindo fendas que permitem o escape. Tal modo de entender o sujeito e os processos de subjetivação implica pensar nas possibilidades de ultrapassar a submissão, o controle e a dependência, porque voltar-se para si mesmo pode constituir uma fuga contra as formas aprisionantes da subjetividade.

5 CONCLUSÃO: CRIANÇAS, DISCURSOS E NOVAS SUBJETIVIDADES

Neste artigo, buscou-se argumentar como o “dispositivo” organiza-se, como produz e como incita o aprendizado de um conjunto de saberes, de modelos comportamentais. Procurou-se mostrar como esse “dispositivo” promove linhas de subjetivação de modo que os infantis sejam convidados a falar de si e estabelecer uma relação reflexiva consigo mesmo através das brincadeiras com bonecas. As linhas de subjetividade tecem estratégias pelas quais as crianças podem efetuar um processo de objetivação de si mesmo através das brincadeiras com as bonecas.

Pelas figuras das princesas é possível traçar um panorama da feminilidade contemporânea, pois além de serem ícones de consumo, são tratadas como modelos femininos que devem ser apresentados às crianças desde tenra idade, representando o arquétipo das heroínas dos contos de fadas, apresentam um modelo de “feminilidade ideal” (WOHLWEND, 2008).

Os discursos apresentados neste estudo mostram um paradoxo de conceitos, sentimentos e atitudes frente às diferenças. Em alguns momentos, as crianças mostraram-se espantadas com algumas alteridades, em outros se mostraram racistas e preconceituosas ou solidárias e afetivas. Essa diversidade nos discursos infantis denuncia o modo que as múltiplas subjetividades são tramadas nas relações de poder. Os múltiplos modelos de subjetividades apresentados pela cultura através dos artefatos culturais voltados para a infância produzem efeitos no desenvolvimento das crianças, e elas os reproduzem e elaboram através das brincadeiras.

Apesar do desenvolvimento crescente das novas tecnologias do brincar, as crianças continuarão a significá-las e se constituir através delas, pois são capazes de subverter a ordem, escapar aos condicionamentos e imprimir originalidade em seu brincar, conforme diz Dornelles (2001, p. 103):

A criança expressa-se pelo ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras. Elas perpetuam e renovam a cultura infantil, desenvolvendo formas de convivência social modificando-se e recebendo novos conteúdos, a fim de renovar a cada nova geração.

Corsaro (2002; 2003; 2005; 2011) defende que as crianças compartilham, negociam e criam cultura junto com seus pares através de uma reprodução interpretativa. Segundo o autor, a estrutura social está constantemente impondo a internalização de valores e regras sociais através de diferentes práticas. No entanto, as crianças contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural, reproduzindo a cultura a partir da sua interpretação inovadora e criativa, preservando e, ao mesmo tempo, transformando a sociedade.

A presente experiência mostra que, mesmo conduzidas pela publicidade da Disney para orientar as brincadeiras com as Princesas, as crianças podem dar asas à sua imaginação, pois demonstraram que existem inúmeras formas de desvios do uso dessas bonecas-personagem. Se qualquer objeto pode se tornar um brinquedo, qualquer brinquedo também pode ser usurpado. Apesar do apelo comercial e publicitário vinculado aos brinquedos, as crianças tem a possibilidade de (re)significá-las e se constituir através delas, pois podem ser capazes de resistir, fazer novas construções e novas possibilidades de ser sujeito infantil na contemporaneidade.

PRINCESSES IN DISCOURSE: THE DISNEY DOLLS CHARACTERS IN CHILDREN'S VISION

Abstract

This study describes a qualitative research held in a school in the public school system of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, focusing on the speeches of children about the Disney princesses dolls. The goal is to understand how this group of children addressed the gender identity and cultural differences represented by these characters. The princesses present a

model of gender identity and behavior to be followed by children in films, games, books and dolls. When children played around with these dolls, they confirmed, challenged and transformed gender pedagogy taught by these characters, who have taken leadership roles in banter between peers in the classroom. The opportunity to play and reflect on these toys allowed new possibilities of thinking distinct modes of subjectivation.

Keywords: Childhood; Play; Gender relations; Discourse analysis; Culture of Pairs

PRINCESAS EN DISCURSO. LAS MUÑECAS PERSONÁGENES DE DISNEY EN LA VISION DE LO NIÑOS

Resumen

Este estudio describe una investigación cualitativa hecha en una escuela de la red pública de enseñanza de Porto Alegre, Rio Grande del Sud, Brasil. Objetiva como foco los discursos de niños sobre las muñecas princesas de Disney. El objetivo es comprender cómo ese grupo de niños enfrentó la identidad de género y las diversidades culturales presentadas por esas protagonistas. Las princesas presentan un modelo de identidad y comportamiento de género a ser seguido por los niños en películas, juegos, libros y muñecas. Cuando los niños jugaran con esas muñecas, confirmaron, desafiaron y transformaron la pedagogía de género enseñada por esos personajes, que asumieron roles de liderazgos en los juegos entre pares en el aula. La oportunidad de jugar y reflejar sobre esos juegos permitió nuevas posibilidades de pensar modos distintos de subjetivación.

Palabras-clave: Niñez; Jugar; Relaciones de Género; Análisis del Discurso; Cultura de Parejas

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Brinquedos e Companhia*. São Paulo: Cortez, 2004.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Infâncias e Maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Criança e Brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, M. V. VEIGA-NETO, Alfredo [et al.]. *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CORSARO, William A. *A Reprodução Interpretativa no Brincar ao “faz-de-conta” das crianças*. Educação, Sociedade & Culturas, n. 17, p. 113-134, 2002.

_____. *We're Friends, Right? Inside Kid's culture*. Washington: Joseph Henry Press, 2003.

_____. Entrada no Campo, Aceitação e Natureza da Participação nos Estudos Etnográficos com Crianças Pequenas. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005.

_____. *The Sociology of Childhood*. Indiana University: Pine Forge Press, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DORNELLES, Leni Vieira. *O brinquedo e a Produção do Sujeito Infantil*. Centro de Documentação e Informação sobre a Criança. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança, 2003. Disponível em:

<http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/obrinquedo.pdf> Acesso em: 03 de Dez. de 2010.

DISNEY CONSUMER PRODUCTS. *Toys*. 2007. Disponível em: http://licensing.disney.com/Home/display.jsp?contentId=dcp_home_ourbusinesses_toys&forPrint=false&language=en&preview=false®ion=0 . Acesso em: 10 Out. de 2011.

ECO, Umberto. *História Da Feiura*. Rio De Janeiro: Record, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. O uso dos Prazeres. In: FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. V. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes 2010.

GABLER, Neal. *Walt Disney: o triunfo da imaginação americana*. Tradução Ana Maria Mandim. Osasco – SP: Novo Século, 2009.

GIROUX, Henri. A Disneyzação da Cultura Infantil. In: Silva, Tomaz Tadeu; Moreira, Antônio Flávio. *Territórios contestados*. Campinas: Mercado das Letras, 1995a.

_____. *Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo Disney*. In: Silva, Tomás Tadeu da. *Alienígenas em sala de aula*. Petrópolis, Vozes, 1995b.

CHECHIN, M. B. C.; SILVA, T.

_____. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, Shirley R. KINCHELOE, Joe L. *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. *Princesas: Produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

HURLEY, Dorothy L. *Seeing White: Children of Color and the Disney Fairy Tale Princess*. *The Journal of Negro Education*; Summer, 2005; 74, 3; Research Library pg. 221

LACROIX, Celeste. *Images of Animated Others: The Orientalization of Disney's Cartoon Heroines From The Little Mermaid to The Hunchback of Notre Dame*. Department of Communication. College of Charleston. Georje Street. Charleston, 2004.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, T. T. da (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MALFROID, Kirstein. *Gender, Class, and Ethnicity in the Disney Princesses Series*. Universiteit Gent Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, 2009.

MATYAS, Vanessa. *Tale As Old As Time: A Textual Analysis of Race and Gender in Disney Princess Films*. Graduate Major Research Papers and Multimedia Projects, 2010.

MÜLLER, Fernanda. *Entrevista com William Corsaro*. Educação e sociedade, vol. 28, n. 98, p. 271-278, jan./abr. 2007

ROZARIO, Rebecca-Anne. C. *The Princess and the Magic Kingdom: Beyond Nostalgia, the Function of the Dis...* *Women's Studies in Communication*, 2004; 27, 1; Research Library pg. 34

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVERMAN, Rachel Anne. *New Dreams, Old Endings: Searching for "A Whole New World" in Disney Second-Wave Animated Romance Films*. Faculty of Wesleyan University. Departmental Honors in Sociology, 2009.

STEINBERG, S. R. [et al]. *Boy Culture: an encyclopedia*. California: Greenwood Publishing Group, 2010.

WOHLWEND, Karen E. *Damsels in Discourse: Girls Consuming and Producing Identity Texts Through Disney Princess Play Reading*. *Research Quarterly* 44(1) p. 57-83, 2008.

Data de recebimento: 06/01/2012

Data de aceite: 27/09/2012